

Documento síntese sobre Cante Alentejano e Ceifeiros de Cuba  
Filomena Sousa  
Memóriamedia

Sousa, Filomena (2011), "O Cante Alentejano e os Ceifeiros de Cuba", *Projecto Memóriamedia*, Porto: Memória Imaterial/IELT, artigo revisto, 2ª edição, pp. 1-12.  
[http://www.memoriamedia.net/bd\\_docs/trancricao\\_cuba/Sobre%20Cante%20e%20Ceifeiros%20de%20Cuba.pdf](http://www.memoriamedia.net/bd_docs/trancricao_cuba/Sobre%20Cante%20e%20Ceifeiros%20de%20Cuba.pdf)

## O Cante Alentejano

Filomena Carvalho Sousa<sup>1</sup>

O Cante Alentejano é usualmente definido pela estrutura melódica e o tipo de organização performativa que o caracteriza, ou seja, o canto polifónico executado em grupo e sem instrumentos. Divididos entre o "Ponto", o "Alto" e as "Segundas Vozes", um grupo de cante alentejano tem como repertório as "modas" que versam, entre outros temas, sobre o trabalho, o amor, a contemplação e a nostalgia. A este cante chama-se "Alentejano" por ser originalmente característico da região do "Alentejo", região portuguesa que fica abaixo do Rio Tejo e acima da região do Algarve (Marvão, 1955, 1956, 1965, 1982, 1985 e 1987; Castelo-Branco & Freitas Branco, 2003; Cabeças & Santos, 2010).

A definição conceptual do Cante Alentejano centra-se ainda naquilo que o distingue de manifestações culturais semelhantes: "a lentidão; a moderação das acentuações, os melismas e até certas 'anomalias' harmónicas" (Santos, 2010, p.9).

---

<sup>1</sup> Membro integrado do Instituto de Estudos de Literatura Tradicional (IELT) da FCSH – UNL; consultora na Memória Imaterial C. Cultural, CRL - Projecto Memóriamedia; docente do Ensino Superior (2002-2010) ISSS e ESE-IPP. Investigadora Convidada - Institut National D'Etudes Demographiques – Paris (2006/2007). Doutoramento em Sociologia ISCTE-IUL. Pós-doutoramento em Antropologia – IELT- FCSH/UNL.

## A origem do Cante Alentejano

Existem diferentes teorias sobre a origem do Cante Alentejano, entre estas é possível destacar as três abordagens mais comuns:

- i. a que defende que a génese do cante está na prática coralista gregoriana;
- ii. a que entende o cante como legado cultural da presença árabe em Portugal, advogando as similitudes que existem entre o cante mourisco e o cante alentejano e
- iii. a que se manifesta defendendo o cante alentejano como uma forma de polifonia centrada em valores profundo da alma do povo, ou seja, originalmente portuguesa e alentejana (Mendes, s/d).

Veiga de Oliveira (1966) por referência às obras de Lopes Graça (1953) e de António Marvão (1955, 1956, 1963b) faz uma síntese do que estes autores escreveram sobre a origem do Cante Alentejano. O autor refere que Lopes Graça distingue duas perspectivas - por um lado fala da “sedimentação antiga”, difícil de determinar e que terá a origem em diferentes épocas (avançando com a hipótese de alguns “espécimes” do cante alentejano terem origem nos “tempos medievais”); por outro lado enuncia a “influência moderna”, recente, que não ultrapassaria o século XVIII, “canções de estrutura tonal maior-menor, ritmicamente simétricas, morfologicamente rudimentares” (Lopes Graça, 1953, p. 43, citado por Veiga de Oliveira, 1966, p.339).

António Marvão também identifica duas linhas distintas, subdivide o Cante Alentejano em “modas” e “canções alentejanas” remetendo as primeiras para a polifonia clássica arcaica dos séculos XV e XVI (com nítidas influências gregorianas) e as segundas, mais recentes, enquadradas nos moldes do folclore musical alentejano. António Marvão justifica o surgimento das “canções” pela influência e disseminação da música moderna, do fado e da canção popular em meados dos anos 30 do século XX (Oliveira, 1966).

Sobre os cantares do Baixo Alentejo, Nazaré (1979) refere que a organização tonal veio relacionar-se com a estrutura modal preexistente. O sistema modal esteve em uso durante toda a Idade Média (é o sistema modal grego que é adaptado por São Gregoriano na formação do canto gregoriano). O sistema tonal remete para a época do Renascimento. A metamorfose destes dois sistemas torna ambígua a classificação pura e única da estrutura e da origem do Cante Alentejano (Nazaré, 1979; Rita, 2010).

No actual site da Confraria do Cante Alentejano<sup>2</sup> adianta-se ainda a hipótese do Cante Alentejano ter “a sua génese em Serpa [vila da região do Alentejo], nos finais do século XV, na transição do Milénio Vocal para o Renascimento: um grupo de frades deslocados do Convento de S. Paulo, na Serra de Ossa [situada no Alto Alentejo], para Serpa, terá estado na sua origem”<sup>3</sup>.

---

<sup>2</sup> Criada em 2008 e sedeada em Serpa.

<sup>3</sup> In [www.confrariadocantealentejano.com](http://www.confrariadocantealentejano.com), consultado em Dezembro de 2011.

### Sobre papéis dos cantores e a polifonia

Segundo Veiga de Oliveira (1966) a polifonia em Portugal é praticada em várias regiões, nomeadamente na Beira Alta, na Beira Baixa, no Alentejo, no Douro Litoral e no Minho. Reportando-se ao trabalho desenvolvido por António Marvão (1955, 1956 e 1963b), Veiga de Oliveira enuncia três tipos de cante: i) os corais majestosos – modas para serem cantadas em grupos, na rua e em passo cadenciado (também conhecidas como “modas lentas”); ii) os corais religiosos – modas de carácter religioso cantadas em Igrejas, procissões ou pelas ruas (a exemplo o Canto ao Menino, na Missa do Galo, as Aleluias nas procissões ou as Janeiras e os Reis, às portas) e iii) os corais coreográficos, ou modas que se cantam em bailes, para danças e rodas<sup>4</sup>.

São os corais majestosos, as “modas lentas”, que caracterizam grande parte dos grupos corais do Alentejo, modas cantadas por grupos que se compõem em três vozes base: o Ponto, o Alto e as Segundas.

O Ponto inicia e indica a moda, dá a conhecer o tema e tonalidade que depois é retornado pelo Alto que canta só nas primeiras notas e preenche as pausas com as vaías (o fim das frases musicais, excepto na última). O Alto dá o tom ao coro, a ele seguem-se então as segundas vozes (Oliveira, 1966; Castelo-Branco & Freitas Branco, 2003; Santos, 2010; Rita, 2010).

---

<sup>4</sup> Segundo Lopes Graça, na obra *A Canção Popular Portuguesa*, de 1953, no Alentejo também as modas que se cantam em bailes seriam temperadas com certo pendor a melancolia.

Sónia Cabeças e José Santos (2010) referem que as modas “podem ser executadas de várias formas. Impôs-se todavia com o tempo uma forma que se tornou referência para a maioria dos grupos de cantadores”. Os autores descrevem esse modo de executar da seguinte forma:

“Canta-se uma estrofe inicial (“cantiga”) seguida de duas estrofes entendidas como “estribilho” (hoje diríamos refrão), volta-se a cantar uma nova estrofe (outra “cantiga”) e finalmente repete-se o estribilho. Cada peça é constituída pelas “cantigas”, que são estrofes livres e uma “moda”, um conjunto de duas estrofes “fixas”. A “cantiga” pode ser modificada, ou até substituída por outra, consoante a inspiração do grupo, do solista, ou da ocasião. Já a moda deve ser respeitada, ser imutável. Na generalidade, as “cantigas”, estrofes que não correspondem ao estribilho, são cantadas por um solista. É ao “ponto” que cabe cantar a primeira “cantiga”. Surgem logo a seguir as duas estrofes da “moda” em si que são entendidas como o “coração” da peça musical. A moda vai ser iniciada por outro solista, o “alto”. O “alto” cantará a solo apenas um verso ou parte dele (parte duma palavra do verso, uma palavra, ou várias), juntando-se-lhe de seguida o coro (formado pelas restantes vozes, as “segundas”), que o acompanha até ao fim da segunda estrofe da “moda”. Finda a “moda”, o “ponto” canta nova cantiga, repetindo-se a “moda” (Cabeça & Santos, 2010, p. 7).

### **Sobre a performance**

O cante alentejano era uma manifestação informal, espontânea que acontecia no campo. O cante marcava um movimento lento, o ritmo, a cadência do trabalho à jorna, nomeadamente das colheitas que mais caracterizavam a agricultura alentejana - a ceifa, a monda e a apanha de azeitona. Com o cante estimulava-se a competição entre trabalhadores, o cante colectivo projectado em uníssono dava o mote para homens, mulheres e crianças darem o seu melhor nas tarefas agrícolas. Entretanto, com o

advento das empreitadas agrícolas, alteram-se os ritmos de trabalho e o estímulo do cante deixou de ter a importância que tinha nas tarefas do campo (Castelo-Branco & Freitas Branco, 2003).

O cante passa a ser protagonizado em tabernas e festas e, nos anos 20 e 30 do século XX, organizam-se formalmente os primeiros Grupos Corais, com coreografia, ensaios e actuações públicas.

Na sua origem o cante alentejano era prática não só dos homens como das mulheres, ambos trabalhavam no campo, ambos protagonizavam essa prática cultural. Com o declínio da economia tradicional agrícola, com a passagem do cante do campo para as tabernas e, a partir dos anos 30, quando se constituem os primeiros grupos corais formais, silenciam-se as mulheres que até então desempenhavam um papel tão importante como os homens no cante alentejano. É vinculada a ideia de que o cante alentejano é uma prática masculina. Quando as mulheres deixam de ter acesso ao local onde, de modo privilegiado, o cante passa a acontecer – nas tabernas – estas ficam privadas do seu papel de intérpretes. Só depois de 1974, com a revolução de Abril, com os novos movimentos sociais e culturais, as mulheres voltaram a cantar organizando-se em grupos corais femininos ou mistos (Santos e & Cabeças, 2010; Mendes, s/d).

## Temas das modas

Na sua forma original, as modas tinham como temas principais o trabalho, a contemplação, a nostalgia, o amor e a vida. Mais do que reivindicar melhores formas de vida, o cante servia para se purgarem as dificuldades. Segundo Nazaré “tornando possível a comunhão de homens e mulheres na luta pela obtenção dos produtos da terra, presidia à criação e perpetuidade de um dos aspectos mais relevantes do repertório da música vocal de tradição oral da região: os cantares de trabalho” (1979, p. 31).

Com o declínio da economia agrícola e depois da revolução de 1974, os grupos corais, voluntariamente ou sobre instrumentalização política, introduziram nos seus reportórios novos temas, alguns inspirados nos acontecimentos políticos da época, mais reivindicativos, não deixando, porém, de cantar as antigas modas do cancionero popular.

De salientar a existência de vários grupos corais na cintura de Lisboa, situação que advém da diáspora, os alentejanos que saem dos seus locais de residência e partem à procura de novas oportunidades junto da capital, o cante viaja do campo para a urbe, do meio agrícola para o meio industrial.

Numa versão preliminar do “Inventário-catálogo dos grupos de cante alentejano”, um documento de trabalho redigido por Paulo Lima, em 2012, para a proposta de candidatura do Cante Alentejano à lista representativa do património cultural da humanidade a apresentar à UNESCO, são enumerados 250 grupos corais, destes 140 encontram-se, actualmente, em actividade e 30 pertencem à diáspora. No

mesmo documento realça-se o aumento do número de grupos corais após 1974, grupos estes associados às Unidades Colectivas de Produção e às Autarquias Locais.

A partir dos anos noventa promovem-se acções de salvaguarda e transmissão do cante alentejano criando-se, entre outras iniciativas, os grupos corais infantis. Actualmente, o debate centra-se nas questões da patrimonialização, nomeadamente no reconhecimento nacional e mundial do cante alentejano enquanto manifestação cultural do património imaterial.

### **Sobre o Grupo Coral Os Ceifeiros de Cuba**

O Grupo Coral Os Ceifeiros de Cuba foi fundado em 1933, por António Fialho. A primeira apresentação pública do grupo aconteceu nesse ano, na primeira edição da Feira de Cuba. A escolha do nome advém da influência do texto “Ceifeiros” do escritor Fialho de Almeida. É com o traje de ceifeiro que o grupo actua nas apresentações públicas.

O grupo é ensaiado pelo Mestre Ermelindo Galinha.

O coro é composto por 21 a 24 elementos, dependendo da disponibilidade. No total são 31 elementos.

Têm 5 pontos: Ermelindo Galinha; Jacinto Vargas, António Beiçudo e António Caixeiro e Luís Caixeiro.

Têm 2 altos: António Pires, Modesto Raposo.

Estes dados foram actualizados em Dezembro de 2011, data em que o grupo tinha agendadas as seguintes actuações:

Cuba dia 24/12 – Missa do Galo

Santa Bárbara de Padrões – dia 30/12 – Cantes religiosos

Cuba – dia 6/01 – Cante dos Reis

Lisboa – 28/01 - Teatro São Carlos – Homenagem a José Luís Gordo  
(Poeta do Fado)

Em brochuras, notícias e sítios da Internet onde o grupo é apresentado e onde divulgam a sua actividade, os Ceifeiros de Cuba destacam as apresentações públicas no país (em feiras, festivais, encontros de Corais, exposições, no Coliseu dos Recreios, no Teatro Maria Matos, no Pavilhão dos Desportos, no Centro Cultural de Belém, em Lisboa, na Alfândega no Porto, na EXPO 98, no Pavilhão de Portugal, Pavilhão dos Oceanos e Pavilhão do Território e na Televisão) e no estrangeiro (em Espanha -Burgos no País Basco e Monastério - e França - Bourgogne, Chatillhon-en-Bazois, Saulieu, Estrasburgo, no Parlamento Europeu. Realçam ainda as duas participações cinematográficas, uma no filme documentário “Alentejano Cantado” de Francisco Manso (----) e outra em “Polifonias – Paci è Saluta, Michel Giacometti”, de Pierre-Marie Goulet (1997).

Da produção discográfica o Grupo destaca sete cassetes, um single, um LP e participação em três CDS um dos quais editados pelo Instituto Internacional de Música Tradicional de Berlim e Smithsonian Folkways de Washington.

**Contactos e sítio na Internet**

Rua Miguel Bombarda, n.º 13, 7940-167 Cuba

Telem. José Roque – 964 829 635

Manuel Francisco – 966 163 459

ceifeirosdecuba@gmail.com

7940 - 167 CUBA

<http://www.myspace.com/osceifeirosdecuba>

**Bibliografia:**

CABEÇA, Sónia e SANTOS, José (2010) “A mulher no Cante Alentejano”, in Conde, S.P., Proceedings of the International Conference in Oral Tradition, Concello de Ourense, Ourense, vol II, 31-38. <http://dspace.uevora.pt/rdpc/handle/10174/2570>, (consulta a 12/2011).

CASTELO-BRANCO, Salwa El-Shawan e BRANCO, João Freitas, (2003) *Vozes do Povo – A Folclorização em Portugal*, Oeiras: Editora Celta.

CASTELO-BRANCO, Salwa El-Shawan, (1992), Some Aspects of the 'Cante' Tradition of the town of Cuba: Portugal. In Livro de Homenagem a Macario Santiago Kastner, Rodrigues Maria Fernanda Cidrais; Morais, Manuel; Nery, Rui Vieira (coord. ed.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Serviço de Música

LIMA, Paulo (2012) *Inventário-catálogo dos grupos de cante alentejano*. Documento de trabalho para a proposta de candidatura do Cante Alentejano à lista representativa do património cultural da humanidade a apresentar à UNESCO. Programa INALENTEJO.

LOPES GRAÇA, Fernando (1953), *A Canção Popular Portuguesa* - Edição Europa – América – Lisboa

MARVÃO, António Alfaiate, (1955), *Cancioneiro alentejano: Corais majestosos, coreográficos e religiosos do Baixo Alentejo*. Beringel: Editorial Franciscana.

MARVÃO, António Alfaiate, (1956), *O Alentejo canta*. Braga: Editorial Franciscana.

MARVÃO, António Alfaiate, (1963a), O folclore musical do Baixo Alentejo. In AAVV, Actas do 1.º Congresso de Etnografia e Folclore. Vol. III. Lisboa: Junta da Acção Social.

MARVÃO, António Alfaiate, (1963b), O folclore musical do Baixo-Alentejo nos Ciclos litúrgicos da igreja. In Actas do Congresso Internacional de Etnografia promovido pela Câmara Municipal de Santo Tirso de 10 a 18 de Julho de 1963. Vol. 2. Porto: Imprensa Portuguesa.

MARVÃO, António Alfaiate, (1965), O folclore musical do Baixo Alentejo nos ciclos litúrgicos da igreja. Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar.

MARVÃO, António Alfaiate, (1966), *Origens e características do folclore musical alentejano*. s.l.: Ed. Aut.

MARVÃO, António Alfaiate, (1982), “Cantares alentejanos” – in “À Descoberta de Portugal” – Selecções do Reader's Digest – Págs. 446 e 447.

MARVÃO, António Alfaiate, (1985), *O Cante Alentejano - Separata da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*, da Faculdade de Ciências do Porto – Vol. 25 - Porto.

MARVÃO, António Alfaiate, (1987), “Motivações e Sociologia do Cante” – in Actas do 2º Congresso sobre o Alentejo – I Vol. – Beja.

MENDES, Lino (s/d) “Conversas para uma cultura das tradições (6) – O Cante Alentejano”, in [http://folclore-online.com/textos/lino\\_mendes/conversas6\\_1.html](http://folclore-online.com/textos/lino_mendes/conversas6_1.html), consultado a 9/12/11.

MONIZ, Jorge Miguel Cecília Moniz (2007), *A Folclorização Do Cante Alentejano* [ Texto Policopiado : um estudo de caso do grupo coral os Ceifeiros de Cuba (1933-2007; Orientadora Professora Doutora Salwa El-Shawan Castelo-Branco

NAZARÉ, João Ranita, (1979), *Música Tradicional Portuguesa - Cantares do Baixo Alentejo*, Lisboa: Instituto da Cultura Portuguesa.

OLIVEIRA, Ernesto Veiga de (1966), *Instrumentos Musicais Populares Portugueses* Lisboa: Edição Fundação Calouste Gulbenkian.

RITA, Clara Santana, (2010), "Canto(e) da boca: Baixo-Alentejo, a tradição revisitada" in e-escrita Revista do Curso de Letras da UNIABEU Nilópolis, v. I, Número1, Jan. –Abr. Nilópolis: UNIABEU  
[http://uniabeu.tempsite.ws/publica/index.php/RE/article/viewFile/10/pdf\\_5](http://uniabeu.tempsite.ws/publica/index.php/RE/article/viewFile/10/pdf_5)

SANTOS, José (2007), Cante, vivo, in livro de acompanhamento do CD "Memórias II", do Grupo Coral "Cantares de Évora", Academia Militar, Lisboa e Cidehus-Univ.Évora <http://dspace.uevora.pt/rdpc/handle/10174/2674> (consulta a 12/2011)

SANTOS, José (2008), "Que estratégia para a salvaguarda do Cante?", in Actas do Congresso anual da Associação "A Moda", Universidade de Évora. <http://dspace.uevora.pt/rdpc/handle/10174/2675> (consulta a 12/2011)

SANTOS, José (2010), Conservação, salvaguarda, criação e culturas orais: uma aproximação conceptual" JRdS / Outubro de 2010. Évora: dspace.uevora. in [http://dspace.uevora.pt/rdpc/bitstream/10174/2175/1/Conservar\\_salvaguardar\\_criar\\_e\\_o\\_conceito\\_de\\_forma\\_cultural.pdf](http://dspace.uevora.pt/rdpc/bitstream/10174/2175/1/Conservar_salvaguardar_criar_e_o_conceito_de_forma_cultural.pdf) [consulta a 4/12/2011].]

[www.confriadiocantealentejano.com](http://www.confriadiocantealentejano.com), consultado em Dezembro de 2011.

<http://www.myspace.com/osceifeirosdecuba> consultado em Dezembro de 2011.

<http://cantoalentejano.com>